

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
CHRISTINE LAURENT, IN MEMORIAM  
15 de Março de 2023

# TRANSATLANTIQUE / 1996

um filme de Christine Laurent

**Realização:** Christine Laurent / **Argumento:** Philippe Arnaud, Christine Laurent e André Téchiné / **Direcção de Fotografia:** Jeanne Lapoirie / **Direcção Artística:** Zé Branco / **Música:** Jorge Arriagada / **Som:** Fabian Oliver e Gérard Rousseau / **Montagem:** Rodolfo Wedeles / **Interpretação:** Laurence Côte (Laure), Joaquin Olarreaga (Nato), Hector Spinelli (O'Nety), Monique Mélinand (Esther), Julio Calcagno (Shorty), José Olivera (Colossus), Evelyne Didi (Canasta), Luís Miguel Cintra (Aquilino), Osvaldo Fattoruso (Felisberto), Nicolas Mora (Maurício), Marana Ingold (Mariana), Carlos Quintana (guitarrista), etc.

**Produção:** Gemini Films – Madragoa Films / **Produtor:** Paulo Branco / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, falada em francês e espanhol com legendas em francês nos diálogos em espanhol, com legendas electrónicas em português, 111 minutos / **Inédito comercialmente em Portugal.**

---

Como **Vertiges**, o filme de Christine Laurent que os espectadores da Cinemateca melhor conhecem, **Transatlantique** é um filme sobre o espectáculo e as máscaras, e sobre a relação, tanto das personagens (ou de uma personagem) como da câmara, com uma cidade estrangeira. Em **Vertiges**, como alguns espectadores saberão, essa cidade era Lisboa, cidade com a qual, de resto, Christine Laurent, se cruzou várias vezes no seu percurso profissional – em colaborações com o Teatro da Cornucópia (Luís Miguel Cintra é um dos actores de **Transatlantique**) ou com produtores de cinema portugueses, como Paulo Branco e, mais recentemente, O Som e a Fúria, casa que produziu o seu último filme, **Demain?**, que como todos os outros filmes de Christine ficou por estrear comercialmente em Portugal. **Transatlantique**, que muito directamente chama, pelo título, o cruzamento do oceano ao centro das atenções, fixa-se em Montevideo, que com as suas meteorologia e arquitectura “atlânticas” não deixa de parecer, pela câmara de Laurent, um curioso “espelho Sul” para a Lisboa que se via em **Vertiges**.

O filme não foi um sucesso, passou à época relativamente despercebido e rapidamente ficou a modos que esquecido. É mesmo difícil encontrar críticas e resenhas da época que falem do filme de maneira minimamente aprofundada. Frédéric Bonnaud, nos *Inrockuptibles* (que eram então, nesses meados de anos 90, uma bela revista de cinema), escreveu um óptimo texto onde destaca, entre outras coisas, dois aspectos que também a nós nos parecem ser os mais ricos, e mais relevantes, de **Transatlantique**. Por um lado, a questão da cidade propriamente dita, a maneira

como “documentalmente” (num filme que nada tem de “documentário”) a cidade ficou inscrita no filme, dos planos ao longo da linha do mar em que ela aparece como silhueta às muitas cenas e sequências ao nível da rua, cafés, ginásios de boxe, etc, que participam no filme numa mistura de familiaridade e mistério. Essa “imanência”, muito simples, do que “está” e do que “existe”, e a sua relação com uma ficção que a habita sem a transfigurar mas que é capaz de a converter num dédalo onde o mistério, o perigo, a ameaça, estão sempre presentes enquanto “suposição” (suposição de ficção, justamente) sobreposta à contemplação e ao prazer da descoberta. Há um lado “flâneur” no filme, que nos lembra uma coisa que Jean-Claude Biette disse a propósito de **Trois Ponts sur la Rivière**, outro filme “português” e que não seria totalmente disparatado aproximar deste. Biette, de resto, e já entramos no segundo ponto, é um autor da mesma “família” de Laurent, um “rivettiano” como ela (e nessa medida, “languiano” em segundo grau...). Não esquecer que Christine Laurent escreveu, ou mais exactamente co-escreveu, todos os argumentos que Rivette filmou desde 1989 e **La Bande des Quatre. Transatlantique** conserva algum rasto “rivettiano” nada despreciando, como se fosse ainda um “filho” de **Out 1**, e isso vê-se muito bem precisamente no modo como o filme trata a cidade na sua relação com o mistério, com o “complot”, e com o “teatro” que, de uma maneira ou doutra, todas as personagens praticam. Aspecto, neste caso, “apimentado” por uma certa aura muito sul-americana, e muito vinda da literatura, que consiste em equilibrar todo o “jogo” na fronteira entre a alegoria e o realismo descritivo, assim criando um lugar que é ao mesmo tempo extremamente identificável e extremamente *imaginário*. Laurent reconhece o jogo, e sublinha-o chamando a uma personagem O’Nety, mais que provável referência a Onetti, o escritor uruguaio que Werner Schroeter adaptou no seu derradeiro filme, **Nuit de Chien** – ainda um filme “português” que também não seria disparatado aproximar deste. E já falamos de “vizinhanças” do filme de Christine Laurent, vale a pena notar ainda, na ficha técnica, a presença de dois habituais colaboradores de Raul Ruiz, o compositor Jorge Arriagada e o montador Rodolfo Wedeles.

Ainda assim, em nosso entender é justamente pelo lado das personagens que o filme claudica um pouco. Das personagens e dos actores, que com algumas excepções (Côte, Cintra) parecem sempre demasiado “lisos”, falhos de carisma – caso evidente de Colossus, essa personagem capital na história mas que fica sempre aquém do poder e da atracção que é suposta emanar. Por outro lado, é interessante a maneira como Christine Laurent parece querer trabalhar, também a esse nível, uma certa ideia de fragilidade, mesmo de banalidade. As canções da personagem de Laurence Côte, cantadas por ela mesma (que não é cantora), na sua pobreza intrínseca reforçada pela débil interpretação, aparecem no filme quase como “suspension of disbelief”, não em negação do “espectáculo” mas em lembrança do seu lado “fabricado”, quer dizer, contingente, e contingentemente humano.

Luís Miguel Oliveira